



Campina Grande-PB: Espaço de sociabilidade e resistência do Movimento Estudantil no contexto da Ditadura Militar na Paraíba (década de 60)

Rosicleide Henrique da Silva^I

Resumo: Os anos iniciais após a instauração da Ditadura Militar (1964) também foram marcados no meio estudantil pelas atividades culturais que relacionavam os estudantes secundaristas e universitários de Campina Grande nas suas mais diversas formas de fazer-se. Nesse sentido, nesse trabalho temos como objetivo evidenciar que o viés cultural era utilizado pelos estudantes campinenses como espaço de sociabilidade, mas também de resistência. Para isso utilizaremos como fontes as pesquisas realizadas no Jornal Diário da Borborema (DB), onde encontramos atividades de estudantes relacionadas ao Centro Estudantal Campinense(CEC). A História Oral também se faz presente nesse trabalho, onde através de nossos depoentes buscaremos entender como se davam as calouradas culturais, bem como a atuação estudantil no Clube dos Estudantes Universitários (CEU) de Campina Grande-PB no contexto da década de sessenta.

Palavras-chave: Estudante; Ditadura Militar; Campina Grande-PB.

Campina Grande-PB: sociability and resistance of the Student Movement in the context of the Military Dictatorship in Paraíba (60s) space.

Summary: The early years after the establishment of the Military Dictatorship (1964) were also marked among students for cultural activities related to the high school and college students from Campina Grande in its various forms to make up. Accordingly, in this work we aim to highlight the cultural bias campinenses was used by students as a space of sociability, but also of resistance. For this we use as sources surveys conducted in Daily Journal of Borborema (DB), where students find activities related to Estudantal Campinense Center (CEC). The Oral History is also present in this work, where through our interviewees seek to understand how cultural calouradas get along as well as student performance in the Club of University Students (CEU) of Campina Grande-PB in the context of the sixties.

Keywords: Student; Military dictatorship; Campina Grande-PB.

Artigo recebido em 17/06/2014 e aceito em 19/09/2014.

1. Introdução

De acordo com o historiador Carlos Fico (2014)^{II} “o Golpe de Estado de 1964 é o evento-chave da história do Brasil recente, pois dificilmente se compreenderá o país atualmente sem que se perceba o verdadeiro alcance daquele momento decisivo. Nesse sentido, com o golpe militar no Brasil no dia 31 de março de 1964 a sociedade passa a vivenciar uma ditadura militar e esse momento representará na sociedade um período crucial da nossa história contemporânea que resultou em acontecimentos como perseguição, tortura e morte de estudantes, por exemplo.

Em nossas pesquisas contatamos que muito se vem discutindo sobre o golpe de 1964 e os estudiosos interpretam esse período a partir de diversos olhares^{III}. Também há uma discussão acerca do uso do termo Ditadura Militar ou Ditadura Civil-militar, onde historiadores, a exemplo de Carlo Fico (2014)^{IV} denomina esse período como civil-militar. Para ele, o golpe militar teve apoio da sociedade e dos civis. Assim, “Governadores, parlamentares, lideranças civis brasileiras- e até o governo dos Estados Unidos da América- foram conspiradores e deflagradores efetivos, tendo papel ativo como estrategistas”.

No entanto, ao longo do nosso trabalho recorreremos ao uso do termo Ditadura Militar ao evidenciarmos o período que o Brasil vivenciou uma falta de democracia, ocasionando a perda das formas de liberdade, na perseguição política e na repressão. Nesse sentido, levando-se em consideração o uso desse termo estamos relacionando a ideia de que a posição dos militares se sobrepôs as demais classes sociais da época.

1.1 Semana do estudante e a atuação do Centro Estudantil Campinense (cec)

Os estudantes campinenses na década de sessenta buscavam se envolver “em setores artísticos com cursos livres de músicas, teatro e artes plásticas que formavam a Divisão de Difusão Cultural da Universidade da Paraíba”^V. No campo da música, por exemplo, eram oferecidas “aulas permanentes de pianos, violino, viola, contrabaixo, teoria e solfejo, harmonia e morfologia, história da música e Iniciação Musical”.

Sendo assim, a própria Instituição era responsável por promover esses eventos culturais que contava com considerável número de alunos matriculados, além da participação de professores da própria Instituição. Pesquisando no Jornal DB^{VI}, encontramos a seguinte matéria:

O professor Rubens Teixeira é o coordenador do Curso de Teatro, que se divide em duas partes: formação de atores(53 alunos), Interpretação e Expressão Corporal , a cargo da professora Leslie McAneny, direção e impostação da voz , a cargo do Professor Rubens Teixeira, história do espetáculo com o professor Hermilo Boba Filho e caracterização com maquiagem, a cargo da professora Ana C. Lima.^{VII}

É interessante ressaltar que não somente os estudantes universitários tinham uma vida cultural, mas os estudantes secundaristas também organizavam suas atividades culturais a partir, por exemplo, do Centro Estudantil Campinense (CEC), onde era informada a sociedade um calendário das festividades que contava com Jogos entre as Escolas da época, organização de desfiles de estudantes que estavam participando desse momento cultural, exibição de filmes a partir do Cineclube Glauber Rocha, além de outras atividades culturais.

CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA (DÉCADA DE 60).

ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

Sobre essas atividades culturais desenvolvidas pelos estudantes secundaristas, encontramos uma matéria no Jornal DB^{VIII} que dá ênfase a organização da Semana do Estudante em Campina Grande no ano de 1966. Vejamos o que a matéria nos informa:

Conforme nota convite distribuído pela Secretaria do Centro Estudantal Campinense, é o seguinte calendário das festividades.

Quinta-feira, onze de agosto, às oito horas, hasteamento da Bandeira Nacional, ao som da banda marcial do Colégio 11 de Outubro, em frente ao edifício dos Correios e Telégrafos, com a presença de diversas delegações; às nove horas, abertura (solene) dos Jogos Intercolégiais Comemorativos, seguindo-se desfile das equipes participantes, com a colaboração da Filarmônica “Epitácio Pessoa”, no Ginásio da Associação Atlética do Brasil; às quatorze horas(...) às vinte horas, sessão solene de posse do novo Conselho Fiscal do Centro Estudantal Campinense, no auditório do Colégio da Imaculada Conceição.

Sábado, dia treze às quatorze horas, prosseguimento dos jogos Intercolégiais Comemorativos na quadra da Associação Atlética Banco do Brasil; às dezenove horas e trinta minutos audição especial do programa Porta-voz Estudantil pela Rádio Caturité; às vinte horas, exibição do filme “Duas Amigas”, na sessão de gala, no auditório do Colégio da Imaculada Conceição, promoção do Cineclube “Glauber Rocha”- entrada gratuita.

Domingo, dia quatorze, às oito horas, missa em ação de graças na catedral de Nossa senhora da Conceição, às quatorze horas na quadra da AABB, prosseguimento dos Jogos, às quinze horas no ginásio da AABB matiné dançante (ritmos modernos), com participação de vários conjuntos “YE, EY, YE” da cidade(...)

A Programação cultural promovida pelo Centro Estudantal Campinense (CEC) contava ainda com Missa na Catedral Nossa Senhora da Conceição, realização de jogos, festivais de músicas dançantes além da entrega de medalhas aos vencedores dos Jogos em comemoração a Semana do Estudante. Dessa forma, os estudantes campinenses buscavam promover, no início dos anos 1960, atividades diversificadas desde o laser até questões mais culturais como música, cinema e teatro.

Em 1967 os estudantes que faziam parte do Centro Estudantal Campinense começavam a se organizar para a realização da II Semana do estudante Campinense. Seguindo essa perspectiva cultural, os estudantes resolveram convidar além de D. José Maria Pires, também o Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara. Sobre esse momento, o Jornal DB^{IX} distribuiu nota à imprensa informando que:

O Presidente do Centro Estudantal Campinense, estudante Márcio Villar de Carvalho, viajou ontem a João Pessoa com a finalidade de convidar o Arcebispo D. José Maria Pires para pronunciar palestra para os estudantes por ocasião da II Semana do estudante Campinense.

Naquela ocasião, a nossa cidade estará sendo o centro de encontro de estudantes e palco de debates dos mais importantes problemas que envolvem a classe estudantil de nossa cidade.

PRESENÇA DE D. HELDER

Após haver efetuado o convite a D. José Maria Pires, o Presidente do Centro Estudantal Campinense, rumará para a capital pernambucana, com a finalidade de formular idêntico convite ao Arcebispo de Olinda e Recife, D. Helder Câmara.

O Centro Estudantal Campinense, desta forma, promovendo a II Semana do Estudante Campinense, proporcionará à classe estudiosa de nossa terra, a oportunidade de ouvir a palestra de dois dos mais insígnis representantes da Igreja, no Brasil.^X

CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA (DÉCADA DE 60).

ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

É interessante ressaltar que a estrutura formada pelo CEC para comemorar a Semana do Estudante contava com a participação de estudantes secundaristas e universitários, como lembra o senhor Leimar de Oliveira^{XI} ao evidenciar que além da questão cultural, os estudantes do CEC também participavam das Olimpíadas estudantis realizadas na cidade de Campina Grande. Segundo o nosso depoente:

O Centro participava das Olimpíadas estudantis que eram Olimpíadas com jogos realizados em Campina Grande, a princípio pelo Centro, depois os Colégios entraram e também essa forma de Diretoria do Centro ela se repetia em cada Grêmio, pois em cada Grêmio tinha o Presidente e o vice-presidente eleitos e tinha o Conselho de representantes do Grêmio era os representantes de classe de sala de aula. E essa era a estrutura burocrática das Instituições. A Semana do Estudante ela começou sendo apenas de Esporte como isso se chamava “Pegar” e aumentou muito a participação, se verificou que deveria introduzir também o pessoal de Artes, isso era basicamente Esporte e Arte. Porque o Estadual da Prata era muito forte em Arte(...)

Enquanto os estudantes secundaristas participavam de Jogos e Olimpíadas organizadas pelo CEC, os estudantes universitários de Campina Grande realizavam os jogos estudantis que contava com o apoio das Associações da FACE e POLI. É interessante ressaltar que os estudantes universitários mantinham vínculos com os estudantes de João Pessoa através da organização desses jogos estudantis.

Havia uma interação entre os estudantes universitários da FACE e POLI, os estudantes secundaristas tinham, a partir do CEC, uma série de promoções culturais relacionados a apresentações Teatrais e cursos intensivos. Dentre essas promoções culturais estavam às palestras e o Curso de Arte, momentos que contava com a participação dos estudantes campinenses. Pesquisando no DB^{XII}, encontramos uma matéria que nos informa sobre esse momento:

TEATRO CLASSICO E MODERNO

Objetivando a orientação dos estudantes campinenses no campo cultural, o Centro Estudantal promoverá hoje, uma palestra do professor Fernando Silveira sobre Teatro Clássico e Moderno, no auditório do Colégio Universitário desta cidade. Prosseguindo com as realizações programadas para o presente mês, realizar-se-á entre os dias 13 e 14, um curso de Arte e Cultural teatral, ministrado pelo professor Serafim. As inscrições para o referido curso serão feitas na sede do Centro Estudantal Campinense no horário da manhã com o Secretário do expediente.^{XIII}

Sobre esse momento cultural que os estudantes campinenses estavam vivenciando, pesquisamos no Jornal DB^{XIV} e encontramos uma matéria que foi divulgada, naquele contexto, informando que o Centro Estudantal Campinense “tem procurado imprimir nova orientação cultural para a juventude estudiosa de nossa cidade, iniciativas estas que estão obtendo o mais amplo apoio e acolhida da classe”.

Nesse sentido, enquanto os estudantes secundaristas se organizavam através da Semana do Estudante com a realização de atividades culturais, os estudantes universitários de Campina Grande realizavam o trote como maneira de recepcionar os alunos considerados novatos na Instituição.

Só que o trote estava sendo proibido dentro da Universidade, pois constatamos que foi sendo criada uma imagem acerca do trote como “uma brincadeira de mau gosto”, caracterizando-o como uma atividade violenta, passando a ser vista com maus olhos pelos estudantes universitários, bem como pela própria Instituição.

ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

1.2 O trote, a calourada cultural e o céu: realizações estudantis

Em tempos de ditadura militar, o trote foi proibido, uma vez que foi construída a ideia de que a realização do trote dentro da Instituição impossibilitava manter a ordem entre os estudantes. Assim, em nossas pesquisas constatamos no Ofício^{XV} que havia o desejo de substituir o trote por um “churrasco de confraternização”:

Sr. Presidente

Pelo presente, levamos ao conhecimento de Vossa Senhoria, que atendendo a determinações superiores emanadas da Reitoria, está proibida a realização do trote, seja qual for o argumento invocado.

Em substituição ao trote poderia ser promovido pelo DA com o apoio da Diretoria, um churrasco de confraternização entre os novos e antigos alunos.

Na certeza de contar com a cooperação dessa Presidência, na aquiescência das ordens superiores que visam a ordem e a disciplina de nossa Universidade, aproveitamos o ensejo para reiterar os nossos protestos de consideração.^{XVI}

O trote continuou sendo motivo de discussões na Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba- POLI, onde foram realizadas reuniões sobre a sua existência dentro dessa Instituição, bem como discussões que geravam entorno do comportamento dos alunos da época. Porém, em nossas pesquisas encontramos uma Ata de Reunião^{XVII} que faz referência a esse momento que o trote foi liberado dentro desta Instituição, mas com algumas restrições, conforme documentação pesquisada esclarece:

[...] Fazemos votos desde já que para que o trote que não podemos evitar de todo, venha pelo menos a se realizar de maneira disciplinada, como antes dissemos, constituindo de fato uma festa de confraternização entre calouros e veteranos, não desvirtuada por interesses estranhos à vida universitária. Sem outro assunto para o momento, aproveitamos a oportunidade para reiterar os nossos protestos de estima e apreço. Atenciosamente, Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque – Diretor.^{XVIII}

Acerca do trote, fizemos os seguintes questionamentos: Como eram realizados esses trotes? De que maneira os estudantes campinenses desenvolviam essas atividades? Com o objetivo de responder a tais inquietações, o senhor Leimar esclareceu em seu depoimento que:

Na década de sessenta os trotes era como se fosse um bloco dos sujos, tá entendendo? É... pintava-se fera com orelhas de burro, desfiles, como também tinha uma violência, mas tinha uma parte politizada; era como se fosse um bloco de carnaval, onde jogava confetes. Nesses trotes tinha muita brincadeira de mal gosto, aqui teve um caso de um colega nosso, não lembro o nome, que o deixaram em cima de um bloco, pois quando ele subiu, tiraram a escada e ele ficou em cima(...) começou a dar para os feras óleo de rícino (um tipo de óleo que dava dor de barriga até em boneco) para obrigar os feras a beber, cachaça e por aí (...) era brincadeira de mal gosto mesmo.^{XIX}

Mesmo com as restrições acerca da realização do trote na Escola Politécnica, os estudantes continuavam a realizá-la. Porém, outra atividade começa a surgir dentro da Instituição e logo foi denominada de calourada cultural. Fizemos o seguinte questionamento: Existe alguma diferença entre o trote e a denominada calourada cultural? Por que surge, nesse

CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA (DÉCADA DE 60).

ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

contexto, a calourada cultural? Sobre essas inquietações, o senhor Leimar de Oliveira nos afirmou que:

O trote era uma brincadeira de mal gosto e a calourada tinha mais um caráter cultural. Você tinha palestra, você tinha vários temas pra se discutir e também tinha festa, agora era uma festa como uma festa de conluite e encerrava a semana. Nessa mesma semana que a desinformação era muito grande as calouradas seguintes, passou-se a ter na terça-feira encontro dos feras com os Coordenadores de curso pra dizer como era o curso, o que se fazia, como era o básico, como funcionava o básico porque naquela época nós chegávamos aqui sem a menor informação que fosse o curso, sem a menor informação; chegava, se matriculava e pronto... e a calourada começou a se interessar por isso e aí sempre entrava a questão política, quando começou a aumentar o número de alunos e não corresponder a estrutura, a calourada era um momento de mobilização pra contratação de novos professores, isso aí os estudantes participavam^{XX}

De acordo com o nosso depoente “a trajetória do movimento estudantil secundarista fez relação com o movimento universitário. Acabamos o trote que tinha um caráter violento e substituímos pela calourada”^{XXI}. Em nossas pesquisas encontramos uma matéria do DB^{XXII} que mostra como se deu a realização da “Festa do Calouro” pelo Clube dos Estudantes Universitários. Por acreditarmos ser de suma importância o conteúdo desta matéria, resolvemos trazê-la na íntegra para que o leitor tivesse uma melhor compreensão. Assim, de acordo com o Jornal analisado por nós:

Tendo como objetivo principal a confraternização de todos os universitários da Paraíba, a diretoria do Clube dos Estudantes Universitários de Campina Grande fará realizar a 15 de abril a “Festa do Calouro”, no GINASÍUM do Campinense Clube.

UNIVERSIDADE

A iniciativa contará com a colaboração direta de todas as Faculdades desta cidade e dará continuidade ao tradicional clima de amizade existente entre os universitários campinenses e pessoenses. Na ocasião, também serão homenageados os integrantes da Fundação Universidade Regional do Nordeste.

PREÇOS

O preço da mesa será de seis cruzeiros novos. Cada cartão de mesa acompanhará quatro individuais masculinos, destacáveis e transferíveis por meio de venda a terceiros. O individual custará dois cruzeiros novos na portaria. O estudante que comprar uma mesa terá direito a três individuais, vendidas a universitários ou não, a dois cruzeiros, podendo, por conseguinte reembolsar o custo da mesa.

CONVITES

Todos os calouros da Paraíba foram convidados através dos seus respectivos diretórios. Os ofícios convites serão entregues pessoalmente pela Comissão no início da próxima semana em João Pessoa. Foram convidados os Magníficos Reitores da UFP e FURN, além dos diretores das Escolas Superiores, autoridades civis e militares e a imprensa.

PROGRAMAÇÃO

A Programação assinala no dia 15, às 22 horas, baile no Ginásio do Campinense Clube, oportunidade em que será escolhida a “Rainha dos Calouros da Paraíba”. No dia seguinte, haverá matinal gigante no CEU, das dez às quinze horas, animada pelo conjunto de Ogirio Cavalcanti.^{XXIII}

A matéria não informa por quem era composta a diretoria do Clube dos Estudantes Universitários, porém chama atenção para a forma como era organizada as festas que

CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA (DÉCADA DE 60).

ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

envolviam estudantes universitários de Campina Grande e João Pessoa. Demonstra um espaço que era utilizado como forma de sociabilidade entre os estudantes e a sociedade em geral, mas apresenta uma contradição, haja vista que os estudantes estavam vivenciando um período ditatorial e, no entanto, nesses eventos tinha-se a presença de autoridades civis e militares como convidados dos estudantes. Levantamos a hipótese de que a presença dessas autoridades na festa dos estudantes era uma iniciativa que partia da liderança estudantil do que dos estudantes que faziam parte do movimento estudantil na época.

De acordo com a matéria, a diretoria do Clube dos Estudantes Universitários de Campina Grande seria responsável pela realização da “Festa do Calouro”. Porém, com o objetivo de evidenciar melhor a atuação do denominado CEU, enfatizaremos o depoimento do senhor Antônio Marcos Barbosa. Segundo o nosso depoente:

(...) Os eventos culturais, artísticos, inclusive eles organizavam os estudantes universitários na parte relacionada ao laser no Clube dos Estudantes Universitário, antigo CEU. Então, lá tinha uma frequência enorme de pessoas porque era uma maneira de atrair alunos para discussões políticas e foi muito gratificante essa época porque pude dar minha parcela de contribuição para conscientizar pessoas sobre o movimento. Naquela época, o pouco que se fazia era importante (...) ^{XXIV}

Ainda sobre o CEU, o senhor Marcos Barbosa relembra:

O CEU era uma espécie de aglutinador de pessoas porque na época, eu me lembro bem que se falava em manter unida as pessoas, de qualquer modo, as pessoas pensavam pouco a sério a atual situação política da época (...) Era um momento de descontração que o pessoal se encontrava e estreitavam os laços de amizade ; então o CEU foi muito importante nesse aspecto. Agora movimento cultural não se tinha uma representação, era mais um clube de dança que tocava musica e o pessoal dançava, tomava um drink e etc. ^{XXV}

Diferentemente da atuação da visão apresentada pelo Senhor Marcos Barbosa de que o CEU “como movimento cultural não se tinha uma representação”, o senhor Leimar de Oliveira recorda que nessa época o CEU foi importante para os universitários porque:

(...) lá tínhamos as noites de musica popular brasileira, a iluminação era normal que era um ambiente universitário para se conversar, que achávamos que faltava isso (...) Nas noites de sábado e do domingo tinham as boates, tinha a boate do CEU aberto a todo mundo e esse dinheiro gerado pelo CEU permitia que quando quiséssemos ir a encontro, participar de encontro, promover a nossos encontros, não passássemos corda na rua. Nunca passamos corda na rua porque nós tínhamos toda uma estrutura ^{XXVI}

A ideia apresentada pelo senhor Leimar de Oliveira de que o dinheiro arrecadado pelo CEU permitia aos estudantes que não se passasse “corda na rua” ^{XXVII}. Com a instauração da Ditadura Militar e o seu endurecimento a partir de 1969, o CEU tem o seu fechamento. Sobre esse acontecimento, o senhor Leimar de Oliveira ^{XIX} acrescenta:

O CEU foi fechado pela repressão em 1969 porque justamente aglutinava muita gente, mas até 69 ele funcionava regularmente como se fosse um bar para encontro, tendo as festas dançantes com disco e na maioria compacto. Era muito difícil, uma vez ou outra era que tinha musica ao vivo (...). a repressão batia em cima (...) ^{XXVIII}

CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA (DÉCADA DE 60).

ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

Com o aumento da repressão e o conseqüente endurecimento do regime militar, aos estudantes campinenses, o CEU vai ser fechado em 1969 deixando de ser um espaço de sociabilidade.

Considerações Finais

Com o objetivo de mostrar que os estudantes campinenses, seja secundarista ou universitário, tinham uma vida cultural ativa mesmo após a instauração da ditadura militar é que constatamos em nossas pesquisas a atuação de estudantes na realização de atividades culturais que contava com palestras, debates, Conferências, realização de trotes e calouradas culturais.

Nesse sentido, foi através dos Jornais utilizados como o Diário da Borborema e do método da História Oral que constatamos os eventos culturais que eram organizados pelas Universidades da época. Constatamos que nas Conferências e Palestras os estudantes campinenses se envolviam nos cursos de música, teatro e arte, através da chamada Difusão Cultural que ocorreu na Universidade da Paraíba, contando com a participação de estudantes e professores dessa Instituição.

Com relação aos estudantes secundaristas chamamos a atenção para a atuação do Centro Estudantil Campinense (CEC) na realização da Semana do Estudante que contou com atividades culturais desenvolvidas pelos estudantes secundaristas da época. Nesses eventos culturais promovidos pelo CEC também tínhamos a participação dos estudantes universitários.

Sobre os estudantes universitários mostramos que o trote era uma atividade que foi dentro da POLI nessa época. O trote era caracterizado como um evento violento, sendo esse discurso utilizado para que ele fosse substituído por uma Calourada cultural. Dentro desse ideário de Calourada Cultural, evidenciamos com se deu a chamada “Festa do Calouro” promovida pelo Clube dos Estudantes Universitários de Campina Grande, sendo este um espaço de sociabilidade entre os estudantes até o ano de 1969 quando foi fechado em conseqüência do aumento da repressão e do endurecimento do regime militar.

Ao fecharmos esse ciclo de pesquisa, não estamos colocando um ponto final nos estudos acerca dos estudantes campinenses, pois logo estaremos adentrando novos caminhos com o desejo de que novas histórias possam ser escritas sobre esse período. No entanto, é com “Alegria e muito sonho espalhados no caminho” que nos despedimos desse momento.

CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA (DÉCADA DE 60).

ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

Notas

^I Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande-PB (2011). Especialista em História do Brasil e da Paraíba pela Faculdade Integrada de Patos- FIP(2013). Aluna do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares pela Universidade Estadual da Paraíba. Mestra em História pelo Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, onde desenvolve pesquisa acerca do Movimento Estudantil de Campina Grande na década de sessenta e sua relação com as lutas sociais no contexto da Ditadura Militar na Paraíba. Esse texto foi produzido como um dos pré-requisitos para aprovação na disciplina História Social e Cultural da Linha I de Pesquisa Cultura e Cidades do Programa de Pós- Graduação em História da UFCG.

^{II} FICO, Carlos. O Golpe de 1964: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. Coleção FGV de bolso. Série História. p. 7.

^{III} Como sugestão de leitura temos os seguintes artigos: TOLEDO, Caio N. de. 1964: Golpismo e democracia. As falácias do revisionismo. Crítica Marxista; BENEVIDES, Maria Victoria. 64, um golpe de Classe? (Sobre um livro de René Dreifuss); NAPOLITANO, Marco. O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro- Apontamentos para uma revisão historiográfica. Historia y problemas del siglo XX/ Volumem 2, Año 2, 2011; MATTOS, Marcelo Badaró. O Governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, nº 55, p. 245-263, 2008; RAMOS, Carla Michelle- Resenha- O golpe e a ditadura militar : quarenta anos depois(1964-2004)- REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Sá (Orgs). Bauru, SP: Edusc, 2004, 334 p. CODATO, Adriano Nervo. O Golpe de 1964 e o Regime de 1968: Aspectos conjunturais e variáveis historiográficas; ARAUJO, Maria Paula Nascimento. 40 anos do golpe militar: oportunidade para uma reflexão histórica e historiográfica sobre a ditadura e a resistência no Brasil. Universidade Federal do Espírito Santo- Departamento de História. Dimensões Vol 16. 2004; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O governo João Goulart e o Golpe de 1964: da construção do esquecimento às interpretações acadêmicas. Revista Grafia Vol. 9 dezembro 2012 pp. 175-191; FICO Carlos. Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 24 nº 47, p. 29-60. 2004.

^{IV} FICO, Carlos. O Golpe de 1964: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. Coleção FGV de bolso. Série História p. 9.

^V Fala encontrada no Jornal Diário da Borborema, edição de 21 de maio de 1966. Reitoria da Universidade promove difusão cultural. p. 8

^{VI} Fala encontrada no Jornal Diário da Borborema, edição de 21 de maio de 1966. Reitoria da Universidade promove difusão cultural. p. 8.

^{VII} Diário da Borborema, 21 de maio de 1966. P.08

^{VIII} Semana do Estudante vai ser comemorada com vasto programa, 09 de agosto de 1966- In: DIÁRIO DA BORBORMA. p. 06

^{IX} Jornal Diário da Borborema, 26 de Julho de 1967, p. 5

^X Estudantes convidam Helder para Palestra. In: Diário da Borborema, 26 de julho de 1967

^{XI} Entrevista concedida à autora pelo senhor Leimar de Oliveira. Campina Grande, 18 de fevereiro de 2014.

^{XII} Campina Grande, 6 de abril de 1967- Centro Estudantal promoverá teatro e os cursos intensivos p. 3

**CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO
ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA (DÉCADA DE 60).**

ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

^{XIII} Idem.

^{XIV} Diário da Borborema, 6 de Abril de 1967, p. 03

^{XV} Nº 100/66 do Diretor Lynaldo Cavalcante de Albuquerque ao senhor José Tarcísio de Alencar Formiga- Presidente do DA; 28 de março de 1966. CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS. ARQUIVO GERAL DA UFCG.

^{XVI} Idem.

^{XVII} Ata de Reunião do Conselho Departamental da Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, realizada em 1º de abril de 1966.

^{XVIII} Idem.

^{XIX} Entrevista concedida a autora pelo senhor Leimar de Oliveira em Campina Grande, no dia 30 de abril de 2013.

^{XX} Fala proferida pelo Senhor Leimar de Oliveira em entrevista concedida à autora em Campina Grande-PB no dia 18 de fevereiro de 2014.

^{XXI} Campina Grande, 5 de abril de 1967- Festa dos calouros reunirá todos os “feras da Paraíba” p. 02

^{XXII} Idem.

^{XXIII} Jornal Diário da Borborema, 5 de abril de 1967; p. 02

^{XXIV} Fala proferida pelo senhor Marcos Barbosa em entrevista concedida à autora em Campina Grande-PB no dia 18 de fevereiro de 2014

^{XXV} Idem.

^{XXVI} Entrevista concedida pelo Senhor Leimar de Oliveira em entrevista concedida à autora em Campina Grande-PB no dia 18 de fevereiro de 2014.

^{XXVII} A expressão “corda na rua” foi utilizada por nosso depoente e faz referência a forma como os estudantes adquiriam recursos financeiros para suas atividades. Geralmente ele paravam os automóveis no centro da cidade e recolhiam dinheiro dos motoristas que quisesses ajuda-los.

^{XXVIII} Entrevista concedida pelo Senhor Leimar de Oliveira em entrevista concedida à autora em Campina Grande-PB no dia 18 de fevereiro de 2014.

Referências Bibliográfica

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **40 anos do golpe militar: oportunidade para uma reflexão histórica e historiográfica sobre a ditadura e a resistência no Brasil.** Universidade Federal do Espírito Santo- Departamento de História. Dimensões Vol 16. 2004

CODATO, Adriano Nervo. **O Golpe de 1964 e o Regime de 1968: Aspectos conjunturais e variáveis historiográficas**

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O governo João Goulart e o Golpe de 1964: da construção do esquecimento às interpretações acadêmicas.** Revista Grafia Vol. 9 dezembro 2012 pp. 175-191;

FICO Carlos. **Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar.** Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 24 nº 47, p. 29-60. 2004.

FICO, Carlos. **Como eles agiam.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

FICO, Carlos. **O Golpe de 1964: momentos decisivos.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. Coleção FGV de bolso. Série História

MATTOS, Marcelo Badaró. **O Governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, nº 55, p. 245-263, 2008.

NAPOLITANO, Marco. **O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro- Apontamentos para uma revisão historiográfica.** Historia y problemas del siglo XX/ Volumen 2, Año 2, 2011.

RAMOS, Carla Michelle- Resenha- **O golpe e a ditadura militar : quarenta anos depois(1964-2004)-** REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Sá (Orgs). Bauru, SP: Edusc, 2004, 334 p.

SANTANA, Flávia de Angelis. **Atuação política do movimento estudantil no Brasil: 1964-1984.** Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Departamento de História da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007.

TOLEDO, Caio N. de. **1964: Golpismo e democracia. As falácias do revisionismo. Crítica Marxista;** BENEVIDES, Maria Victoria. 64, um golpe de Classe? (Sobre um livro de René Dreifuss)

Jornal- Matérias Pesquisas

CENTRO ESTUDANTAL PROMOVERÁ TEATRO E OS CURSOS INTENSIVOS. In: Diário da Borborema, 6 de abril de 1967, p. 3

DOM JOSÉ MARIA PIRES PARA AULA INAUGURAL DA URN. In: Diário da Borborema, 28 de fevereiro de 1966. p. 8

ESTUDANTES CONVIDAM HELDER PARA PALESTRA. In: Diário da Borborema, 26 de julho de 1967.

FACE QUER TRAZER GILBERTO FREYRE PARA CONFERÊNCIAS. In: Diário da Borborema, 17 de janeiro de 1965.

**CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO
ESTUDANTIL NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR NA PARAÍBA (DÉCADA DE 60).**

ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

PROGRAMA DE HOMENAGEM A GILBERTO FREYRE EM ELABORAÇÃO. In:
Diário da Borborema, 5 de março de 1965. p. 3.

SEMANA DO ESTUDANTE VAI SER COMEMORADA COM VASTO PROGRAMA,
09 de agosto de 1966- In: Diário da Borborema. p. 6

UNIVERSITÁRIOS CAMPINENSES E PESSOENSES PROMOVEM JOGOS. In:
Diário da Borborema, 16 de agosto de 1965, p. 6.

Ata de Reunião/ Ofícios

Ata de Reunião do Conselho Departamental da Escola Politécnica da Universidade Federal da Paraíba, realizada em 1º de abril de 1966.

Nº 100/66 do Diretor Lynaldo Cavalcante de Albuquerque ao senhor José Tarcísio de Alencar Formiga- Presidente do DA; 28 de março de 1966. **CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS.** ARQUIVO GERAL DA UFCG.

História Oral

BARBOSA, Antônio Marcos. Campina Grande-PB, 18 de fevereiro de 2014.

OLIVEIRA, Leimar de. Campina Grande-PB, 18 de fevereiro de 2014.